



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

GAZALÉ, OLIVIA. LE MYTHE DE LA VIRILITÉ – UN PIÈGE POUR LES DEUX SEXES. PARIS: ÉDITIONS ROBERT LAFFONT, 2017.

ELIZÂNGELA INOCÊNCIO MATTOS¹

Com a pergunta sobre o possível fim da supremacia masculina, a filósofa Olivia Gazalé trata do processo de virilização do mundo, que perpassa a legitimação da inferioridade feminina, considerada essencialmente a partir do dever da maternidade e a sacralização da virgindade, fomentando a construção do mito viril: a supremacia do homem estaria edificada primordialmente a partir da condição de inferioridade da mulher. O percurso realizado pela filósofa toma como ponto de partida o aspecto negativo da virilidade, para percorrer sua histórica, remetendo a uma inquietante reflexão acerca da importância em se reinventar as masculinidades diante das mudanças ocorridas ao longo dos tempos.

Publicado em 2017, *Le Mythe de la Virilité* permeia o argumento predominante da superioridade masculina, diante de uma crise decorrente também da alteração da essência da mulher comumente aceita. Em suas palavras, houve uma alteração nesse sentido, de mulher objeto, para a mulher que se transformou em sujeito. Do mito da virilidade como uma construção, remonta às suas origens para justificativa um momento em crise, pois o mundo foi incorporando a voz da mulher, ela passou a ocupar espaços, a trabalhar, contestar e se apropriar do próprio corpo.

Há dois pontos de início a serem abordados: o próprio mito da virilidade, pautado desde o início na crise de suas normas, na inferioridade declarada da mulher e por outro, encontra um aumento na crise, exatamente a partir da mudança de postura da outrora inferior, a mulher.

¹ Doutora em Filosofia e Professora da Universidade Federal do Tocantins

O mal-estar na masculinidade se deve, em acordo a hipótese que Olivia Gazalé aborda, à uma recente revolução feminista que, sendo real, ainda que em permanente desenvolvimento, corrobora a tensão frente ao mito da virilidade, que seria uma peça, uma armadilha que o próprio homem criou, ao colocar-se como o senhor absoluto da mulher. Reportando-se a frase de Lacan, *a mulher não existe*, e a de Simone de Beauvoir, *não se nasce mulher*, emprega ambas as expressões também compreender o homem, empreendendo um sentido de construção de sentido para ambos.

A construção da identidade viril, a despeito dos aspectos de força, superioridade e poder, seria acompanhada também de dúvidas, coerção, sofrimento e violências. Por isso, seria também uma armadilha, pois representa um conjunto de *custos*. Ser um homem seria obedecer uma série de injunções e a virilidade, constituinte de uma performance imposta. O sistema viril consideraria a dominação entre os sexos e também entre os homens: o homem viril e seu contrário, o homem afeminado.

Ser viril compreende provar, confirmar sua força, coragem e vigor, elementos que estariam ausentes em uma mulher e também em um homem homossexual. A autora se refere a palavra testículo como a representação do homem viril, pois deriva de testemunhar. Versa sobre testemunhar sua virilidade, ao passo que pergunta: se não fosse questionado, teria a necessidade de testemunhar sua virilidade a partir de seu sexo?

As partes que compõem o livro de Olivia Gazalé, nos apresenta uma profícua reflexão sobre o estatuto do ser homem e ser mulher, diante de uma crise que, de acordo com a autora, seria necessária, mais ainda, inevitável, diante da necessidade em se libertar de normas coercitivas.

Na primeira parte, nomeada: *No início era o feminino*, a filósofa realiza a seguinte pergunta: Qual é o primeiro sexo? E o ponto de partida para a discussão é exatamente o uso e o sentido da palavra homem para designar a totalidade do gênero humano. Sendo ele a excelência e a perfeição, à mulher seria o outro. Como escreve a autora: “Na galáxia da humanidade: o homem é o astro brilhante e a mulher a pequena estrela efêmera, o homem está no coração, a mulher na periferia”. (p.31-32). Percorrendo a história da humanidade, a filósofa abarca o homem e a mulher nas sociedades pré-históricas, onde por vezes a mulher ocupava um certo poder.

A segunda parte do livro, intitulada: *A virilização o mundo*, se inicia com uma pergunta norteadora: A mulher, a criatura mais fraca? Onde investiga a origem da dominação masculina. Ponto imprescindível no texto, onde a autora justifica o uso da palavra virilização e não patriarcado, visto que o poder seria do homem em várias situações, independentemente de ser pai ou não. Ademais, a vinculação do poder a força física, resultam na maneira pela qual a mulher se submete ao

poder viril. A força física e a diferença anatômica não parecem ser suficientes para explicar a dominação. A condição inferior da mulher não seria somente resultado da distinção da força física, mas em compor um sistema feito pelo outro sexo e em seu benefício, o que as impediria de serem emancipadas. Essa conspícua evidência demonstra ser de fato, o mito da virilidade não somente uma armadilha para o homem, mas empreende uma armadilha para ambos.

No sistema *viriarcal*, o que ocorre verdadeiramente é a apropriação da mulher, em uma dominação construída e alicerçada alhures da própria natureza. A fecundidade é considerada como um aspecto que determina a mulher na função reprodutiva, permitindo mais um modo de controle sobre ela. A autora então analisa o papel do casamento na vida da mulher, como um modo de supervisão de sua força gestacional a partir de um contrato.

Na terceira parte: *A essencialização da mulher: a trindade: virgem-mãe-puta*, a filósofa discute a condenação da mulher ao silêncio, não somente considerando as necessidades reprodutivas e domésticas dos homens, mas também do que chama de *alienação identitária*: a mulher em uma condição onde não poderia jamais se auto definir, mas pensar e compreender a si mesma a partir da sua imagem fabricada pelo homem. Nesse sentido, a redução da mulher à maternidade teria um efeito negativo e excludente, visto resultar em um certo estigma para a mulher que, por razões diversas, *não pode ou não quer ter filhos*.

A saída da opressão pode ser alcançada não com o uso da força, em remeter a mulher a se revelar, o que seria o mesmo que combater a opressão com uma outra, mas dando voz a ela. Ouvir a mulher seria um ponto importante em um processo permanente.

Na quarta parte, intitulada: *A construção do mito viril*, a argumentação segue, como apontado anteriormente, a construção do ser homem e ser mulher, em não terem nascido homem e mulher, assim como do uso da palavra *homem* se referindo a categoria do humano. A virilidade compreendida como um ideal normativo, constitui também excludente entre os homens, visto que, nem todos os homens seriam másculos, embora reconhecidos como homens. O mito pautado na questão física, da força, da masculinidade demonstrada, remete a questão que a filósofa apresenta ao tratar do super-homem e do sub homem: se a mulher está no útero, o homem está no falo?

Na quinta parte, *Poder e Impotência*, a discussão alcança o ponto da prova sexual como uma necessidade permanente de demarcar o terreno da virilidade. Nesse aspecto, o ato sexual como realização da virilidade ganha força. A autora considera três imperativos exigidos pela ordem social: o casamento, a procriação e a homofobia. Sobre esse derradeiro aspecto, o seu questionamento sobre a violência homofóbica ser decorrente de uma desordem de identidade masculina

e dos impasses do heterossexismo, oferece uma profícua reflexão sobre a maneira como as normas de gênero tendem a ser discriminatórias, a partir da construção dos corpos. O percurso adotado pela filósofa considera as etapas da virilidade a partir dos verbos: provar, erguer, entrar, molhar, vangloriar-se e sublimar, demonstrando que em cada período da história foram criados novos arquétipos masculinos. A própria concepção de virilidade foi assim, uma crítica, desconstruindo modelos anteriormente concebidos.

A última parte do livro de Olivia Gazalé trata sobre *A desconstrução do mundo viril*, onde aborda os aspectos que demonstram a crise na virilidade como condição de mudança entre os masculinistas de hoje em dia. A propósito do masculinismo, a autora reporta à também filósofa francesa: Michèle le Doeuff, que tratou do termo para referir-se “a retórica androcêntrica empregada por certos homens”. (p.414). O termo masculinismo, justifica seu emprego pela história e a vida social dos homens, precisamente, pelo fato de somente eles contarem seu ponto de vista.

A crise ao longo do tempo e de como certos modos ainda se repetiram na história são mencionados. Referindo-se a Kant, e a ideia da maioridade no período iluminista, assim como a *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, retoma algo apontado alhures que, a despeito do passar do tempo, continuava sendo professado: a palavra homem designando o gênero humano, mesmo na mente dos revolucionários, que buscavam transcender as diferenças, mas se referiam ao gênero masculino como superior, destinado a dominação. E assim considera a maturidade do iluminismo, uma maturidade truncada, incompleta, pela metade.

Ao abordar a revolução feminista e o antifeminismo, a autora trata dos pensadores *homens*, que trataram sobre a questão entre os sexos e a igualdade. Dentre os pró-feministas, cita, Cornelius Agrippa e Poulain de la Barre, passando para o século seguinte onde menciona Helvétius, Stuart Mill e Montesquieu, que se referiram a igualdade na educação. Menciona Diderot e Condorcet e Charles Fourier, que defendeu a igualdade entre os sexos. Dos anti-feministas, menciona Restif de La Bretonne e Rousseau.

Ao tratar do termo feminismo, esclarece a sua origem, em um “neologismo criado pela psiquiatria francesa para designar a ‘patologia’ pela qual sofrem os homens poucos virís. (p.436). Eis a ironia que a filósofa aponta: o que em um primeiro momento significaria o homem afeminado, se tornaria precisamente um processo político, sexual e filosófico.

Uma obra inquietante, que certamente lança luz ao debate sobre as questões feministas e a postura de novas masculinidades. A revolução necessária alcança ambos, homens e mulheres, por isso a importância em se reinventar, a partir das lutas feministas e também da reconfiguração do masculino para enfim saírem da chamada armadilha apontada pela autora.